

Memória, subjetividades e história oral: um relato de pesquisa *

*Cezar Karpinski***

Resumo

Nesse breve relato visamos partilhar uma experiência de pesquisa com Memória e História Oral. O objetivo é estimular o diálogo entre aqueles que, ao iniciar as pesquisas neste campo historiográfico, se vêm perdidos diante das várias vertentes teórico-metodológicas que buscam fundamentar tanto as categorias de análise quanto as práticas da pesquisa. Nesta experiência particular, afirmamos a importância de se perceber a memória como fator constituinte de um discurso que constrói subjetividades em cada narrativa.

Palavras-chave: História oral, Memória, Subjetividades, Meio ambiente

A proposta deste texto é a de partilhar um pouco da minha experiência nos estudos sobre memória e história oral dentro das pesquisas que tenho realizado sobre hidrelétricas e atingidos por barragens. Não trago nada muito elaborado com citações e conteúdos densos, procuro apenas me colocar como um historiador que se vê constantemente desafiado a entender e aplicar os conteúdos da memória nas pesquisas em História. Também não trago novidades para um debate teórico e metodológico, haja vista as centenas de trabalhos que já o fazem com o brilhantismo que a academia deseja e merece.¹ Contudo, este texto traduz de certa forma, minha posição de aprendiz e como tal quero relatar meus sentimentos, minhas dúvidas e minhas inquietações diante desse quadro de discussões tão antigo e sempre atual que é a linha tão tênue entre memória e história e, principalmente, entre memória e história oral.

As narrativas de experiências orais sempre me jogam num horizonte múltiplo e constantemente novo. Não acredito que exista um pesquisador em história oral que não tenha se deparado em algum momento da pesquisa, com tudo aquilo que jamais pensou encontrar. Fazemos mil e uma hipóteses, lançamos inúmeros questionamentos e quando nos colocamos a ouvir os entrevistados ou as entrevistas há sempre um constante estranhamento com a emergência de fatores impensados. E é nisto que consiste sempre o trabalho do historiador que busca suas fontes nas narrativas orais. Comigo não foi diferente, pois ao pensar as questões relacionadas à implantação de hidrelétricas, eu buscava nas narrativas, algo que pra mim já estava “claro”: as experiências de conflito, a atuação dos movimentos sociais, as lutas por formas de indenizações justas, a aceitação ou não do projeto, a experiência de ser um “atingido por barragem”, enfim, uma série de questões que na minha cabeça já estavam solidificadas no passado do fato, dos acontecimentos, dos documentos, das atas e conseqüentemente, dos relatos que eu tornava também documentos escritos.

Entretanto, a análise das narrativas me fez perceber que o que eu procurava não estava ali, pois se o que eu buscava era uma experiência

do **PASSADO** certamente não encontraria nas falas tão repletas do **PRESENTE**. Por mais que as lembranças eram ricas de detalhes e de indícios de como se dera a construção da hidrelétrica, o que me narravam eram sentimentos extremamente atualizados, com signos e imagens de um presente carregado de sensibilidades e de desejos de uma vida atual e presente. As memórias que auxiliavam as reconstruções dos fatos e dos acontecimentos me mostravam o quanto aquela pessoa que narrava estava se constituindo como um sujeito de narrativa. Como uma pessoa que vive o momento atualizando as experiências do espaço e do tempo por mim indagados.

Ao perceber isso, me vi subsumido nesta relação entre presente e memória e não mais entre memória e passado, o que me causou forte estranhamento pelo fato de que, enquanto historiador queria “entender”, “interpretar”, “criticar”, “relacionar”, “vincular”, “investigar”, “resgatar”, fatores do passado na memória dos atingidos por barragens. Foi então que precisei entender a memória, entre lembranças e esquecimentos, no discurso, na narrativa e percebi que as inúmeras discussões teóricas e metodológicas sobre a memória se davam no campo da *episteme*, da *psiché* e não especificamente em discursos. Entendi que, uma coisa era eu saber o que era a memória para a filosofia, para a sociologia, para a psicologia e para aquela História que Le Goff (2003), tão brilhantemente discutiu em célebre obra, mas outra coisa era entender a memória pelas minúcias de uma narrativa, de uma pausa para o choro, de um sorriso, de um olhar perdido ou de um suspiro de impotência.

Entender a memória em Bérqson (1999) ou em Halbwachs(2006) foi importante para perceber que muitas vezes eu, como historiador, me colocava dentro de uma discussão teórica tão densa e distante temporalmente, sem me dar conta de que o que eu realmente tinha no cotidiano de meu ofício de historiador que queria utilizar fontes orais eram “apenas” narrativas e discursos construídos a partir de um sujeito que, na atualidade da fala, representa o que pensa sobre determinada experiência de um tempo constantemente atualizado em sua narrativa de memória.

Foi então que percebi que o que eu buscava compreender não estava no sujeito que vivenciou o fato, mas no sujeito que se constituía no momento em que me relatava sua experiência com determinado fato ou acontecimento. Contudo, a partir dessas primeiras impressões comecei a me indagar se aquilo que eu estava fazendo era mesmo história, pois muitas vezes chamam os historiadores que se utilizam de história oral de “psicólogos” por essa constante busca em compreender o sujeito em detrimento ao fato.

Neste sentido, procurei as especificidades, as distinções entre as práticas da História e da Psicologia, cuidando para não cair em nenhuma crítica hierárquica ou preconceituosa sobre uma ou outra disciplina. Mas logo de começo percebi as especificidades de uma e outra e precisei afirmar pra mim mesmo que sim, o que eu fazia era História. Ora, se procurar entender a constituição dos sujeitos nos discursos que são constantemente marcados pela memória não for fazer história, o que é então historiar?

Vencida essa “crise” identitária – que acredito ser comum a quem inicia suas pesquisas com história oral – comecei então a intensificar as análises e as interpretações sobre as narrativas de atingidos por barragem. Procurando desvencilhar-me daquelas hipóteses que tantas vezes me frustravam decidi ouvir e reler as entrevistas, os depoimentos, os formulários de pesquisa e os diários de campo. Foi assim que comecei a dar espaço para aquilo que não tinha ainda me dado conta: o quanto os fatores ambientais estavam presentes nas narrativas de memórias dos atingidos por barragens. As histórias que eles queriam contar estavam mais ligadas ao território que habitavam, do que fizeram para habitá-lo e dos sentimentos ligados ao Rio, às Serras e Florestas que seriam engolidas pelas águas do que das experiências de conflito e de enfrentamento que tanto me interessavam.

No desenvolver da pesquisa, percebi que as relações conflituosas entre atingidos e empreendedores e até mesmo entre os atingidos e os movimentos sociais, estavam entrelaçados àqueles sentimentos ligados ao território. Neste sentido, a pesquisa ganhou

densidade quando procurei historicizar as relações de poder e a constituição dos múltiplos sujeitos que emergiram no decorrer do processo de implantação da hidrelétrica (no caso UHE Salto Caxias, construída na década de 1990 sobre o Rio Iguaçu, nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná)². Dentre as várias relações que construía as subjetividades dos ribeirinhos de Salto Caxias, percebi que as relações com o meio ambiente também se faziam presentes e davam vigor às formações discursivas. Não apenas as relações de poder entre empreendedores e atingidos constituía os conflitos na região de Salto Caxias, mas também os sentimentos ligados aos fatores ambientais.

Quero trazer para esse momento um depoimento muito propício para essa discussão. O relato a seguir é de Margaret Maran Nunes, líder de um movimento social de atingidos por barragens³, cuja memória reconstitui uma narrativa voltada para a luta e de como fora difícil unir os atingidos de Salto Caxias. O momento de sua fala é permeado pelas conquistas do movimento, o que, de certa forma, confirma nossas indagações anteriores. Para Margaret, o importante era narrar como se uniram para enfrentar a construção da hidrelétrica, no entanto, no interior de seu discurso de luta contra o governo, ela nos narra como o espaço ribeirinho ao Rio Iguaçu era percebido por seus habitantes

No início a gente não tinha nada mais elaborado. Era uma questão muito nossa mesmo, própria da comunidade, que fazia sua reflexão em torno de um problema. Tinha o pessoal que se preocupava, “não, mas a minha mãe tá enterrada no cemitério aqui”, “meu Deus eu plantei árvore, eu cheguei aqui, nunca sai desse lugar, eu nasci aqui, já estou com 30 anos e nunca sai.” Então tinha esse tipo de preocupação mesmo. Na comunidade, naquele momento, discutia-se isso, mas também tinha a preocupação de que a gente precisava se organizar nas outras comunidades pra poder enfrentar. Agora, nesse enfrentamento, nossa organização era divergente. Por quê? Porque a maioria das famílias atingidas que moravam naquela região era de posseiros, pessoal que sofreu muito na época da ocupação, apanhou naquela época. “Mas não, brigar de novo com o governo, será que a gente vai conseguir vencer, não

adianta brigar com o governo, isso aí não adianta é ilusão da nossa parte”. Mas tinha outros que diziam assim: “mas agora nós já estamos num outro período, nós podemos enfrentar o governo, não é possível que a gente não vá enfrentar, nós não vamos estar sozinhos”. Então, eram bem divergentes as discussões e as preocupações que tinham.⁴

Esse relato nos traz vários perfis referentes ao entendimento da população que habitava os arredores do Rio Iguaçu, principalmente a Região denominada Sudoeste do Paraná, quanto à postura que deveriam adotar frente ao governo. O discurso mostra a incerteza política de setores e a convicção de outros quanto à necessidade de estabelecer o enfrentamento na defesa da cultura do local. O espaço delimitado para a construção da usina representava muito mais do que algumas propriedades rurais. Nesta narrativa percebemos a emergência de uma cultura pautada nas relações com um espaço historicamente constituído e da identidade daqueles que nunca moraram noutro local. Note-se que no discurso de Margaret, os atores sociais não falavam de lavouras, de pastagens ou de bens materiais mensuráveis. Essas pessoas falavam de um ambiente que representava sua própria história de vida, um local onde plantaram árvores, onde nasceram e enterraram seus mortos. São narrativas que nos mostram que além do material, estão as relações sociais com aquele espaço que aparecem com uma força maior até que a necessidade de se organizarem.

E isso começou a me chamar a atenção nesses discursos de memória. Além do que seria “óbvio” que era a necessidade de organização popular e a temporalidade da fala – que se desenvolvia já num período em que o movimento gozava de legitimidade e aceitação social – outros fatores permeavam a memória dos populares, tais como, o medo do governo e, principalmente, a construção histórica do lugar. Essas memórias que se faziam narrativas nas minhas pesquisas eram sempre permeadas por vários objetivos, eram organizadas, selecionadas e refletiam de maneira ímpar as diversas temporalidades que constituíram o sujeito que narrava.

As falas, as lembranças, os silêncios, os esquecimentos, os olhares, os risos e as lágrimas emergiam como fragmentos das conseqüências do tempo na constituição das subjetividades do narrador e quando tudo isso se traduzia em narrativa me abria uma multiplicidade de questões tanto das representações do passado quanto das construções dos lugares e das paisagens que o reservatório engolira. Com isso, me vi tocado pelo que ouvia e, pelo próprio ofício, também fui me constituindo como historiador e interagindo no processo através daquilo que escrevia.

Bem, por não querer que esse relato se estenda ainda mais e por acreditar que tenha cumprido com meus objetivos de partilhar um pouco da minha experiência com a História Oral, quero encerrar por aqui mesmo. Que nossas experiências como historiadores de memórias constituam em nós, práticas que perpassem o discurso e acrescentem ao nosso ofício metodologias que primem sempre pela ética e pelo respeito aos que constantemente nos partilham suas narrativas.

Noats

* O presente texto foi adaptado de comunicação proferida na Mesa Redonda: História Oral e Memória no XII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA, ENSINO E PESQUISA, realizado entre os dias 21 e 25 de julho de 2008 na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma-SC.

** Mestre e Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Email: cezark@hotmail.com

¹ Não tenho o objetivo de fazer um levantamento bibliográfico sobre os autores que discutem ou já discutiram as questões relacionadas à História e Memória, contudo, as reflexões deste texto devem muito à SEIXAS, Jacy. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs). Memória e Res(sentimento): indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

² Cf. KARPINSKI, Cezar. Sobre as águas a memória: relações de poder e subjetividades durante a implantação da Usina Hidrelétrica Salto Caxias (Paraná, 1989-2001). 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2006. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PHST0286.pdf>

³ Comissão Regional dos Atingidos pelas Barragens do Rio Iguaçu (CRABI).

⁴ NUNES, Margaret Maran. Entrevista concedida a Davi Félix Schreiner. Cascavel, 26 de fevereiro de 2000.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KARPINSKI, Cezar. **Sobre as águas a memória**: relações de poder e subjetividades em Salto Caxias (Paraná, 1990-2001). Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

SEIXAS, Jacy. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs). **Memória e Res(sentimento)**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

Abstract

In this brief narrative we aim to share an experience of research with Memory and Oral History. The objective is to stimulate the dialogue between those students, when initiating the research in this historiographic field, been lost ahead of some sources theoretical and methodological that search to base as much categories of analysis as practical of the research. In this particular experience, we affirm the importance of to perceive the memory as constituent factor of the speeches that constructs subjectivities in each narrative.

Keywords: Oral history, Memory, Subjectivities, Environment

